

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE BACHARELADO EM TRADUÇÃO

ARTHUR MELO

**CONCEITOS DE TRADUÇÃO E CULTURA NA
GRAMÁTICA *ARTE DA LINGOA DE IAPAM* (1604-1608)
DO MISSIONÁRIO JESUÍTA PORTUGUÊS JOÃO
RODRIGUES**

João Pessoa
2013

ARTHUR MELO

**CONCEITOS DE TRADUÇÃO E CULTURA NA
GRAMÁTICA *ARTE DA LINGOA DE IAPAM* (1604-1608)
DO MISSIONÁRIO JESUÍTA PORTUGUÊS JOÃO
RODRIGUES**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado
em Tradução da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Tradução.

Orientadora: Prof^ª Dr^a Wiebke Röben de Alencar
Xavier

João Pessoa
2013

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal da Paraíba.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Melo, Arthur.

Conceitos de tradução e cultura na gramática arte da língua de IAPAM(1604 – 1608) do missionário jesuíta português João Rodrigues. / Arthur Melo. - João Pessoa, 2013.

41f.:il.

Monografia (Graduação em Tradução) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientadora: Prof^a.Dr^a.WiebkeRöben de Alencar Xavier.

1. Tradução cultural. 2.Arte da língua de IAPAM. 3. Rodrigues, João.
I. Título.

BSE-CCHLA

CDU 81'25

ARTHUR MELO

**CONCEITOS DE TRADUÇÃO E CULTURA NA
GRAMÁTICA *ARTE DA LINGOA DE IAPAM* (1604-1608)
DO MISSIONÁRIO JESUÍTA PORTUGUÊS JOÃO
RODRIGUES**

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a Dr^a Wiebke Röben de Alencar Xavier

Prof. Dr. Juan Ignacio Jurado-Centurión López

Prof^a Ms. Ana Cristina Bezerril Cardoso

João Pessoa
2013

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Dr^a Wiebke Röben de Alencar Xavier, pela orientação dada ao longo deste trabalho, sem a qual não poderia ter chegado tão longe.

Ao Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis e à Prof^a Dr^a Maura Dourado, que deram o pontapé inicial.

À Prof^a Dr^a Tânia Liparini Campos, pelas conversas sobre o futuro e por entender.

Aos professores do curso de Bacharelado em Tradução, por sua competência e empenho.

Aos meus colegas de curso, especialmente Caio, Camyle, Eliete, Flaviana, Jonathan, Lázaro, Maysa, Naiara e Romulo.

A Clarissa e a Priscila, pela amizade ao longo desses anos.

A Liara e a Roberta, pelas tardes de trabalho e de conversas no laboratório.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional sempre.

Aos meus irmãos Victor e Daniel, por ouvirem com interesse sobre meus planos para o futuro mais malucos.

A Rodrigo, meu amigo há mais de dez anos. Você me ensinou e continua a me ensinar muitas coisas, meu velho. A você todo meu apreço e admiração. Obrigado!

A Marlos e Rebeca, pelas horas de conversa e de videogame, por me ouvirem, aconselharem e se alegrarem com minha presença.

A Leonardo Boiko, por ser referência e fonte de inspiração.

A Iana, por dar cor ao meu mundo.

RESUMO

Esta monografia é um estudo de caso sobre a inclusão de conceitos de tradução e cultura pelo missionário português João Rodrigues (c.1561-1633) na sua gramática da língua japonesa *Arte da Lingoa de Iapam*, publicada no Japão entre 1604 e 1608. Em duas passagens da gramática, Rodrigues (1608) comenta sobre os desafios da tradução para o japonês, propondo soluções. Na primeira, ele discute que a língua japonesa não possui vocábulos como "Deus", "anjos", "pecado", "cruz", "humanidade", propondo que estes fossem assimilados através de empréstimos tomados à língua portuguesa, com a devida adaptação à fonética do japonês. Num segundo momento, Rodrigues aconselha como se deve traduzir: "não se deve traduzir palavra por palavra, frase por frase, nem usar na língua japonesa as nossas metáforas, pois isso torna a oração bárbara e obscura (...)". A análise foi baseada na teoria elocutiva da tradução, que era, de acordo com Furlan (2006), o modo como a tradução era pensada no Renascimento; nas idéias de Burke (2009) e Eco (2003) sobre tradução cultural; e de Aixelá (1997) e Assmann (1996) sobre tradução de itens culturais e de deuses, respectivamente. Os resultados mostram que, embora as estratégias de Rodrigues revelem, por um lado, um viés assimilativo (ou seja, procuravam diferenciar o cristianismo das demais religiões presentes no Japão para fins de conversão, mesmo correndo o risco de soar ininteligível), por outro lado, estavam de acordo com o conceito geral de tradução da época, qual seja, de ênfase na tradução do sentido, não da forma.

Palavras-chave: tradução cultural; Companhia de Jesus; *Arte da Lingoa de Iapam*; João Rodrigues; Japão pré-moderno.

ABSTRACT

This monograph is a case study on concepts of translation and culture in the grammar *Arte da Lingoa de Iapam*, written by Portuguese Jesuit João Rodrigues (c.1561-1633). This grammar was published in Japan between 1604 and 1608. In two distinct passages of his *Arte da Lingoa de Iapam*, a comprehensive and detailed grammar of Late Middle Japanese, Rodrigues comments on the challenges involved in translating into Japanese. First, he discusses the fact that the Japanese language did not have such concepts as ‘God’, ‘angels’, ‘sin’, and ‘cross’, proposing that they should be assimilated into Japanese as loanwords, with the necessary phonetic adaptations. In a second passage, Rodrigues gives advice on how to translate: ‘one should not translate word for word nor sentence for sentence; using our metaphors in the Japanese language should also be avoided, because it makes the sentence barbarian and obscure...’ The analysis was based on the theory of translation *elocutiva*, which was, according to Furlan (2006), how the translation was conceived in the Renaissance, in the ideas of Burke (2009) and Eco (2003) on cultural translation, and Aixelà (1997) and Assmann (1996) on translation of cultural items and gods, respectively. The results show that while Rodrigues’ strategies revealed, on the one hand, an assimilative bias (i.e. they meant setting Christianity apart from Japanese religions for conversion purposes), on the other hand, they were in agreement with the general concept of translation held at the time, namely emphasis put on translating the sense rather than the form.

Keywords: cultural translation, Society of Jesus, *Arte da Lingoa de Iapam*, João Rodrigues, Pre-modern Japan.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

FIGURA 1- Frontispício da gramática <i>Arte da Lingoa de Iapam</i>	23
--	----

CRONOLOGIA

1540 – A Companhia de Jesus é fundada após aprovação do Papa Paulo III.

1543 – Chegada dos primeiros portugueses a Tanegashima, ilha ao sul de Kyûshû.

1549 – Primeira missão jesuíta chega ao Japão, trazendo São Francisco Xavier e o tradutor e intérprete japonês Anjirô.

c. 1561 – Nascimento de João Rodrigues (Sernancelhe, Portugal).

1571 – Nagasaki é aberta ao comércio internacional sob os auspícios de Omura Sumitada, daimyô local convertido ao cristianismo.

1577 – João Rodrigues chega ao Japão, aos dezesseis anos.

1580 – Alessandro Valignano, coordenador da missão jesuíta na Ásia, faz sua primeira visita ao Japão.

1597 – Martírio de Nagasaki: vinte e seis missionários europeus e *kirishitan* são executados a mando de Toyotomi Hideyoshi.

1604-8 – Gramática *Arte da Lingoa de Iapam* é publicada.

1610 – João Rodrigues é expulso do Japão, exilando-se em Macau, na China.

1614 – Os *Kirishitan* voltam a ser perseguidos pelo governo Tokugawa.

1637-8 – Rebelião de Shimabara: revolta de cerca de 37 mil camponeses cristãos de uma região próxima a Nagasaki. Sua supressão pelas tropas do governo, com o auxílio de navios holandeses, marcou o fim do cristianismo como religião organizada no Japão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - Fundamentação Teórica	14
CAPÍTULO 2 - João Rodrigues e a <i>Arte da Lingoa de Iapam</i>	19
2.1 João Rodrigues Tçuzu	19
2.2 A <i>Arte da Lingoa de Iapam</i>	22
2.3 Francisco Xavier, Anjirô e a “Dochiriina Kirishitan”	25
CAPÍTULO 3 - Conceitos de tradução e cultura: Entre a Assimilação e a <i>Ars Tradutória</i>	29
3.1 Tradução de termos cristãos: estratégia de assimilação	29
3.2 “Como evitar o Barbarismo”: a tradução do sentido e a <i>ars tradutória</i>	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39
ANEXO A.....	41

Introdução

Fundada inicialmente por Inácio de Loyola e mais dez membros em 1540, a Companhia de Jesus não tardou a dar início a atividades missionárias ao redor do mundo. Jesuítas foram enviados à América, à África e à Ásia, onde fundaram colégios e desenvolveram vários métodos de evangelização e de assimilação das culturas locais (LOPES, 2000: 37-38). Para facilitar esse processo, gramáticas das línguas locais foram produzidas. Essas gramáticas eram descrições linguísticas em geral sincrônicas e com fins pedagógicos – embora nem sempre fosse o caso –, pensadas como um meio prático de ensinar a língua autóctone aos missionários encarregados de propagar a fé cristã (ZWARTJES, 2011: 1-4). Além disso, a tradução exerceu papel fundamental: catecismos, tratados de teologia e mesmo obras científicas foram traduzidos para as mais diversas línguas. Esse *modus operandus* se repetiu também no Japão, onde a missão jesuíta teve início em 1549.

Considerando as atividades da Companhia de Jesus na Ásia, em especial no Japão, o que se propõe nesta monografia é realizar um estudo de caso sobre a inclusão de conceitos de tradução e cultura pelo missionário português João Rodrigues (c.1561-1633) na sua gramática da língua japonesa *Arte da Lingoa de Iapam*, publicada no Japão entre 1604 e 1608. Extensa e detalhada, a *Arte* é fruto dos estudos lingüísticos de João Rodrigues sobre o japonês falado e escrito na época, que, segundo Frellesrig (2010: 299), encontrava-se na sua fase média tardia (*Late Middle Japanese*). Publicada em português em três volumes, a gramática aborda vários aspectos da língua japonesa, com maior ênfase ao vernáculo, apesar de também tratar da linguagem clássica escrita. Sua redescoberta no final do século XIX, após ter sido praticamente esquecida durante o período em que o

cristianismo foi banido no Japão (principalmente após 1639), foi de grande importância para o estudo histórico da língua japonesa (FRELLESRIG: 2010: 302).

Em duas passagens da gramática, Rodrigues (1604-8) comenta sobre os desafios culturais da tradução para o japonês, propondo soluções. Na primeira, ele discute que a língua japonesa não possui vocábulos como "Deus", "anjos", "pecado", "cruz", "humanidade", e propõe que estes sejam assimilados através de empréstimos tomados à língua portuguesa, com a devida adaptação à fonologia do japonês. Num segundo momento, ao discutir como evitar barbarismos em japonês, além de como melhor “explicar a nossa lingoa na Iapoa”, Rodrigues aconselha como se deve traduzir: "não se deve traduzir palavra por palavra, frase por frase, nem usar na língua japonesa as nossas metáforas, pois isso torna a oração bárbara e obscura [...]" (RODRIGUES, 1604-8: 341-342). Pretende-se, assim, considerar essas afirmações no contexto das traduções empreendidas pelas missões evangelizadoras jesuítas na Ásia.

Dessa forma, foram dois os objetivos deste trabalho: em primeiro lugar, entender o conteúdo e o contexto de produção da gramática *Arte da Lingoa de Iapam* (quando e onde foi escrita, quais seus objetivos e público-alvo), relacionando-a a trabalhos semelhantes publicados no mesmo período histórico. Em segundo lugar, analisar as recomendações e as soluções de João Rodrigues a respeito de como traduzir conceitos e textos em português para a língua japonesa com o intuito de classificá-las de acordo com teorias sobre a prática tradutória vigentes na época e verificar como essas soluções se encaixam no contexto das atividades da Companhia de Jesus. Procedendo assim, o objetivo maior é contribuir com os estudos sobre a história da tradução ao investigar o papel dos jesuítas enquanto tradutores e intérpretes na missão ao Japão. No levantamento de trabalhos acadêmicos na área de Estudos da Tradução, pôde-se perceber que o estudo aqui desenvolvido – qual seja, analisar conceitos e estratégias de tradução e cultura na *Arte da Lingoa de Iapam* – é ainda

pouco pesquisado. Dos trabalhos encontrados em uma pesquisa mais ampla, Zwartjes (2011), por exemplo, enfatiza principalmente os aspectos linguísticos da gramática. Cooper (1974: 229), por sua vez, faz menção à segunda das duas estratégias de Rodrigues relacionadas acima, mas não a desenvolve em maiores detalhes. A tradução de material cristão para a língua japonesa nesse período histórico também parece carecer de maiores estudos.

A pesquisa desenvolvida é de natureza analítico-interpretativa e pressupõe uma leitura crítica da fonte primária, a *Arte da Lingoa de Iapam*, bem como da bibliografia de apoio. A cópia da gramática à qual tive acesso é a versão digitalizada pelo Google em 2008 de uma reprodução do original editada por Masakazu Shima¹ (v. Referências Bibliográficas). Após leitura e identificação das reflexões de João Rodrigues sobre tradução na referida gramática, a análise procedeu-se em dois níveis: primeiramente, as recomendações foram consideradas segundo o conceito de tradução comum à época de João Rodrigues, a teoria elocutiva da tradução, como exposto em Furlan (2006: 27-33); exemplos de como se traduzia na época da missão também foram utilizados neste estudo com o intuito de se desvendar as implicações das estratégias de Rodrigues a partir dos desafios e das ideologias da Companhia de Jesus. Num segundo nível, foram utilizadas concepções contemporâneas sobre tradução cultural, tomando por base especificamente Peter Burke (2009), bem como os trabalhos de Eco (2003), Aixelá (1997) e Assmann (1996).

A organização deste trabalho se dará da seguinte forma: o **capítulo 1** tratará da fundamentação teórica, que visa proceder do aspecto mais amplo dos Estudos da Tradução até o caso específico das considerações sobre tradução presentes na gramática *Arte da*

¹ Quando forem feitas referências a trechos da gramática *Arte da Lingoa de Iapam*, será utilizada a paginação da versão digitalizada, que considera o frontispício como página um.

Lingoa de Iapam, de João Rodrigues. No **capítulo 2**, será feita a contextualização histórica das atividades da Companhia de Jesus no Japão: os primeiros jesuítas, João Rodrigues e a gramática *Arte da Lingoa de Iapam*. Serão discutidos, também, os problemas e possibilidades que essas atividades suscitaram em termos de tradução cultural: num primeiro momento, as escolhas tradutórias de Francisco Xavier e de Anjirô, pioneiros da missionação no Japão, serão analisadas; a seguir, será discutida brevemente a *Dochiriina Kirishitan*, catecismo traduzido em japonês e publicado em 1591. Em seguida, o **capítulo 3** tratará da análise e discussão das diretrizes de João Rodrigues sobre tradução na gramática *Arte da Lingoa de Iapam*. Por fim, a **Conclusão** trará um balanço geral da pesquisa, retomando os principais pontos discutidos e os resultados obtidos, bem como algumas dificuldades encontradas ao longo do percurso e perspectivas para novos estudos acerca do tema.

Capítulo Um

Fundamentação Teórica

Os Estudos da Tradução foram estabelecidos como disciplina acadêmica própria nos anos 1970, principalmente após a publicação do artigo *The Name and Nature of Translation Studies* pelo acadêmico James S. Holmes, em 1972. Isso não significa, no entanto, que a tradução não tenha sido estudada desde muito antes. Houve, na verdade, uma mudança de paradigma: como destaca Burke & Hsia (2009: 8), anteriormente os escritos sobre tradução eram em geral normativos, ou seja, procuravam apontar como se deveria traduzir. Esse é o caso das considerações culturais de João Rodrigues sobre tradução presentes na gramática *Arte da Lingoa de Iapam*: há, ali, instruções a serem seguidas para se obter um resultado considerado apropriado (v. Capítulo 3). Os Estudos da Tradução, enquanto disciplina acadêmica recente, propõem-se, pelo contrário, a serem descritivos.

Após uma fase inicial de análises descritivas de enfoque marcadamente linguístico – com ênfase em questões como “equivalência”, bem como o cotejo entre original e tradução e a formulação de “normas” e “universais da tradução”, houve o chamado *cultural turn* (“virada cultural”) nos Estudos da Tradução. Essa expressão foi primeiro utilizada por Mary Snell-Hornby (1990) em sua contribuição para a coletânea de artigos intitulada *Translation, History and Culture*, organizada por Susan Bassnett e André Lefevere. Na introdução a essa coletânea, Bassnett e Lefevere tomam a expressão “virada cultural” como metáfora desse movimento em direção ao estudo dos aspectos culturais da tradução, resumindo bem a proposta dos artigos ali presentes. De fato, a virada cultural marcou a mudança da noção de “tradução enquanto texto” para a noção de “tradução

enquanto cultura e política”, quando se começou a investigar como a cultura influencia e restringe a tradução (MUNDAY, 2001: 127).

A essa “virada” seguiu-se outra, que Burke & Hsia chamam de “virada histórica”, marcada por “uma crescente consciência da historicidade” das “equivalências linguísticas construídas” (2009: 9). Seus expoentes são, entre outros, Antoine Berman (1984), Lawrence Venuti (1995) e Anthony Pym (2000). No âmbito nacional, pode-se destacar, por exemplo, os estudos de viés historiográfico de Mauri Furlan sobre a teoria da tradução no Ocidente, publicados em diferentes edições do periódico *Cadernos de Tradução*, da UFSC. O seguinte comentário de Maria Paula Frota sobre os trabalhos de Furlan resume bem essa abordagem histórico-cultural:

Em termos teórico-metodológicos, fica muito clara nessas historiografias a já aludida preocupação em contextualizar cultural e historicamente os produtos e processos tradutórios analisados, em descrevê-los e não em julgá-los, em enxergar as suas historicidades como construções e não como descobertas. (...) Deixou-se de estudar o texto traduzido apenas no seu confronto com o original e num vácuo sociocultural e histórico. (2007: 164)

Furlan também foi responsável pela organização de uma antologia bilíngüe intitulada *Clássicos da teoria da tradução, vol. 4 - Renascimento*, publicada em 2006. Nessa antologia, estão reunidos vários excertos de escritos sobre tradução feitos por intelectuais do Renascimento que, considerados em conjunto, indicam que eles partiam de uma concepção comum de linguagem e, por consequência, da *ars* tradutória. Uma das duas estratégias de João Rodrigues consideradas neste trabalho, mais especificamente a que recomenda traduzir o sentido e não a forma do texto, parece encaixar-se nessa concepção, como será visto no capítulo 3. Segundo Furlan (2006: 25), “[a] teoria da linguagem comum à Europa renascentista é a teoria da retórica clássica, cujo sistema operador é a *elocutio*, a

parte da retórica que veste as ideias com a linguagem e cuida de seu embelezamento, da técnica de seu uso”. A teoria da tradução subsequente a essa teoria da linguagem é chamada por Furlan de “teoria elocutiva da tradução”, que considera que “traduzir não é trair o pensamento do original, mas, além disso, é também uma questão de estilo: ater-se ao modelo, mas principalmente tornar inteligível e agradável aquilo que se traduz” (2006: 26). A teoria elocutiva da tradução pressupõe que o tradutor atenda a uma série de requisitos básicos, como domínio das línguas de partida e de chegada, “respeito” às particularidades de cada uma, conhecimento do assunto, e preocupação com o leitor e a inteligibilidade do texto (FURLAN, 2006: 27-29).

Segundo Burke & Hsia (2009: 9), mesmo após as “viradas” cultural e histórica – quando se passou a considerar o contexto sociocultural e histórico das traduções –, há ainda muito a ser pesquisado a partir dessa perspectiva cultural. Entre outros aspectos, os contrastes entre culturas e a história da prática tradutória careceria de maiores estudos, lacuna que este trabalho procura preencher. Nesse sentido, Burke (2009), especificamente, trabalha com os conceitos de tradução cultural, tradutibilidade, e tradução como negociação. A tradução cultural seria “a adaptação de idéias e textos conforme eles passam de uma cultura para outra” (2009: 9). Além disso, ele considera como as diferenças entre línguas e culturas reduzem a “tradutibilidade” dos textos, e cita o caso da tradução de divindades durante as missões cristãs nas Américas e na Ásia. Outro ponto importante é a noção de que tradução implica “negociação de sentidos”, ou seja, que “qualquer tradução deve ser considerada menos uma solução definitiva para um problema do que um caótico meio-termo, envolvendo perdas ou renúncias e deixando o caminho aberto para renegociação” (BURKE, 2009: 15). Nesse mesmo sentido, Eco afirma o seguinte sobre tradução cultural: “(...) uma tradução não diz respeito apenas a uma passagem entre duas línguas, mas entre duas culturas (...). Um tradutor não deve levar em conta somente as

regras estritamente linguísticas, mas também os elementos culturais, no sentido mais amplo do termo” (2003: 190).

A questão dos itens de especificidade cultural (CSI, em inglês) em tradução, por sua vez, é abordada de maneira mais abrangente por Javier Franco Aixelá (1997). Algumas de suas ideias se deixam relacionar às estratégias de João Rodrigues de tradução de termos cristãos presentes na gramática. No seu estudo, Aixelá organiza duas categorias de como os CSIs podem ser traduzidos: conservação e substituição. Na primeira categoria, ele inclui uma estratégia chamada "repetição", que ocorreria quando "os tradutores mantêm o máximo possível da referência original" (1997: 61). Além disso, Aixelá discute como os termos de especificidade cultural só podem ser definidos quando do contato entre duas línguas e dois textos, nunca isoladamente. Dessa forma, é impossível selecionar previamente os termos de uma determinada língua que poderiam causar problemas de tradução porque, afinal, “em uma língua *tudo* é determinado culturalmente” (AIXELÁ, 1997: 57). A repetição de um termo pode causar um problema que Aixelá chama de “opacidade ideológica ou cultural”, opacidade esta que, em determinados contextos, pode ser intencional, como veremos mais adiante.

Jan Assmann (1996), por seu lado, aborda a religião como fator de (in)inteligibilidade. Assmann relata como os babilônios foram os primeiros a igualar dois deuses ao estabelecer sua “definição funcional ou manifestação cósmica comum”, o que ela chama de “onomasiologia teológica” (1996: 25). A onomasiologia consiste em partir do conceito ou referente que existe na realidade para assim obter o termo que o define; seu oposto, a semasiologia, parte da palavra, quando se procura então estabelecer seu significado. Segundo Assmann, a onomasiologia é “transcultural e interlingual, e seu objetivo é “descobrir como uma determinada unidade de sentido é expressa em diferentes línguas” (Ibid.). Por exemplo, é possível encontrar nas religiões grega e latina antigas, bem

como no hinduísmo, figuras mitológicas masculinas que superam os demais deuses em poder e importância e que controlam os trovões: Zeus, Júpiter e Indra, respectivamente. Lançando mão da onomasiologia teológica para esse caso, pode-se dizer que esses deuses são, em certa medida, equivalentes transculturais. Essa estratégia de equivalência foi utilizada por Anjirô, primeiro japonês cristão e intérprete da primeira missão jesuíta, na sua tradução do catecismo escrito por Francisco Xavier (1506-1552) durante as atividades missionárias deste no Japão, onde atuou entre 1549 e 1551. Nesse período, Xavier obteve considerável êxito na evangelização dos japoneses (REISCHAUER, 1979). No entanto, houve confusão quanto aos termos adotados por Anjirô, em especial “Dainichi”, nome da divindade budista que ele escolheu como tradução para “Deus”. Os bonzos japoneses logo descobriram que “Dainichi” e “Deus” não eram a mesma coisa, como será visto mais adiante.

Capítulo Dois

João Rodrigues e a *Arte da Lingoa de Iapam*

2.1 João Rodrigues *Tçuzu*

A Companhia de Jesus foi fundada em Paris pelo espanhol Inácio de Loyola, passando a operar oficialmente após receber a aprovação do Papa Paulo III em 1540. Seu crescimento foi espantoso. O objetivo era criar uma ordem cosmopolita que operasse transnacionalmente. Portugal foi a primeira dentre as muitas nações européias a convidar a Companhia para se estabelecer em seu território. Entre 1540 e 1750, missões evangelizadoras partiram quase todos os anos para os lugares mais longínquos do império português; os missionários chegaram a áreas previamente inexploradas, entre elas o Japão (ALDEN, 2000: 53-4).

A primeira delegação jesuíta chegou ao país nipônico em 15 de agosto de 1549. O núcleo missionário era modesto, sendo composto por apenas três jesuítas: São Francisco Xavier, Padre Cosme de Torres e Irmão Juan Fernández, todos espanhóis. Dentre eles, Francisco Xavier era, sem dúvida, a figura mais importante, tendo sido enviado à Ásia pelo próprio Inácio de Loyola. Os três eram acompanhados ainda por Anjirô, japonês convertido ao cristianismo que atuava como intérprete e tradutor do grupo, além do irmão deste e de mais três servos (HIGASHIBABA, 2001: 1). O local escolhido para o início das atividades missionárias foi Kagoshima, cidade portuária localizada na ilha de Kyûshû, parte mais meridional do Japão. Os primeiros portugueses haviam chegado ao país apenas alguns anos antes, em 1543, mas como logo estabeleceram atividades comerciais em Kagoshima, os habitantes da cidade já estavam familiarizados com os "exóticos"

estrangeiros. Isso, juntamente com o fato de Anjirô ter aí nascido, facilitou o contato inicial dos jesuítas com os japoneses. Os japoneses chamavam a nova religião e seus praticantes de “kirishitan”, a partir da palavra portuguesa “Christão”. Com o passar dos anos e o desenvolvimento da missão, mais estrangeiros desembarcaram ao Japão, entre eles o jovem João Rodrigues.

Rodrigues nasceu em Sernancelhe, Beira, Portugal, em 1562. Em 1577, aos dezesseis anos, chegou ao Japão vindo de Macau, colônia portuguesa na China. Ingressou, logo em seguida, na Companhia de Jesus, completando seus estudos de teologia no já estabelecido Colégio do Japão da Companhia em Nagasaki, alguns anos depois. Quando Rodrigues aportou ao Japão, a missão jesuíta já estava no seu vigésimo oitavo ano neste país. Rodrigues adquiriu fluência na língua japonesa rapidamente, feito que lhe valeu o epíteto de Rodrigues “Tçuzu” (também “Tçuzzu“ ou “Tsuji”), que significa “intérprete”, em japonês (ZWARTJES, 2011: 94). De fato, Rodrigues atuou como confidente e intérprete entre os portugueses e Toyotomi Hideyoshi (c. 1536-1598) e Tokugawa Ieyasu (1543-1616), à época os líderes políticos e militares mais influentes do Japão. Suas habilidades linguísticas envolviam o português, o latim e o japonês, além do espanhol. No entanto, por haver chegado ao Japão ainda bastante jovem, sua habilidade na língua portuguesa era limitada, fato que ele mesmo reconhece (ZWARTJES, 2011: 93-95).

Rodrigues atuou no Japão entre 1577 e 1610, e a gramática *Arte da Lingoa de Iapam*, objeto de análise deste trabalho, foi publicada durante o século cristão. O que se tradicionalmente designa por “século cristão” é o período entre o primeiro contato dos japoneses com os missionários jesuítas, em 1549, e a perseguição posterior do governo japonês que culminou na revolta de Shimabara, entre 1637 e 1638, quando o cristianismo foi praticamente eliminado do Japão pelo governo de Tokugawa Iemitsu (1604-1651), terceiro xogum da dinastia Tokugawa. O historiador Higashibaba (2001: xviii-xix) divide,

para fins de análise, o desenvolvimento tanto da religiosidade cristã japonesa quanto da estrutura física (seminários e colégios) e metodológica da missionação jesuíta durante esse século em três fases.

A primeira fase marca os primeiros trinta anos (1549-1580) da presença cristã no Japão. Durante esse período, havia pouco material cristão disponível em japonês; o idioma atuava como uma barreira comunicativa entre os europeus e os habitantes locais. O número de missionários também era bastante limitado, o que dificultou o progresso da missão como um todo. Pode-se dizer que o meio de evangelização primordial nessa fase, mais importante do que a comunicação linguística, era o contato com os símbolos e os rituais cristãos (HIGASHIBABA, 2001: xvii). A segunda fase estendeu-se pelos próximos trinta e cinco anos (1580-1614), sendo marcada pela maior ênfase na instrução aos *kirishitan* das doutrinas católicas, pelo maior esforço do efetivo jesuíta no aprendizado da língua japonesa e pela publicação de textos traduzidos para o japonês. O início dessa fase é simbolizado pela visita ao Japão de Alessandro Valignano, jesuíta napolitano apontado para o cargo de padre-visitador em 1573 e enviado como supervisor das atividades missionárias no Oriente. Valignano também foi responsável pela introdução da imprensa no Japão, por meio da qual vários livros foram publicados, dentre eles a gramática de João Rodrigues (MORAN, 1993: 153-5). Estima-se que, em 1600, dos 95 jesuítas em atuação no Japão, 57 eram portugueses, 18 italianos e 20 espanhóis (LÓPEZ-GAY, 2000: 106). Por fim, na terceira fase (1614-1639), a perseguição aos cristãos se intensificou, chegando até sua quase total aniquilação; nesse contexto, o martírio era encorajado entre os *kirishitan*, inclusive por meio de publicações.

Rodrigues foi mais atuante durante a segunda fase. Escreveu obras como *História da Igreja do Japão*, bem como um catecismo, um tratado sobre terminologia cristã em chinês e um estudo sobre geografia (ZWARTJES, 2011: 96-97). Sua obra mais importante,

no entanto, é mesmo a gramática da língua japonesa *Arte da Lingua de Iapam*, publicada entre 1604 e 1608. Apenas duas cópias dessa gramática sobreviveram. Quando o governo japonês institucionalizou a perseguição aos cristãos, Rodrigues foi expulso em 1610, após ter vivido no arquipélago por mais de três décadas. Exilou-se na China, onde escreveu e publicou a *Arte Breve da Lingoa Iapoa* em 1620, gramática que retoma muitas das informações presentes na primeira *Arte*, apresentando-as de maneira mais simples e menos repetitiva (MORAN, 1975: 278).

2.2 A *Arte da Lingoa de Iapam*

Escrita em português quinhentista, a *Arte da Lingoa de Iapam* é, segundo Eliza Tashiro, "a primeira obra gramatical da língua japonesa elaborada na tradição gramatical européia (...) [de] descrição gramatical para fins pedagógicos baseada na gramática da língua latina" (2004: 206). As obras produzidas segundo essa tradição gramaticográfica missionária são discutidas em maior detalhe por Otto Zwartjes no livro *Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550-1800*, lançado em 2011. Zwartjes (2011) destaca a importância da chamada "linguística missionária", ainda bastante negligenciada, da qual pode-se dizer que a *Arte* faz parte.

O público alvo da gramática era formado por outros membros da Companhia de Jesus em missão no Japão e seu propósito era ser um guia de fácil aprendizado da língua japonesa. No prefácio à obra, Rodrigues afirma que

Como seja próprio do instituto da Companhia de IESU ajudar o Proximo, &descorrer por várias partes do mundo trazendo as almas ao verdadeyro conhecimento de seu criador, & pera isto se tenha por meio necessário saber a lingoa daqueles com que tratamos; muyto tempo há que os Superiores da mesma Companhia de Iapão desejavam que se ordenasse,

& imprimisse hua Arte pera cõ mais facilidade aprederem a lingoa desta nação nossos Padres, & Irmãos que de Europa, & da India vem a trabalhar nesta vinha do Senhor (...) (1604-8: 5)

É possível perceber, a partir dessa citação, que a gramática servia a um claro propósito no contexto evangelizador jesuíta. As diferenças culturais, principalmente a barreira da língua, dificultaram sobremaneira a missão jesuítica, implicando difíceis problemas de tradução. A *Arte da Lingoa de Iapam* era, então, um modo dos missionários em atuação no Japão transporem essa barreira comunicativa, sempre com o objetivo final de facilitar o acesso dos japoneses aos ensinamentos da fé cristã. Como realça Furlan (2006: 17), “*Artes* eram atividades ou disciplinas ou ocupações em que o conhecimento teórico estava acoplado às habilidades práticas, algo distinto das *scientiae* que tratavam exclusivamente do conhecimento especulativo”. Nesse caso, não bastava, por exemplo, apenas o conhecimento estrutural e fonológico da língua japonesa; era preciso, além disso, mostrar como esse conhecimento poderia ser aplicado a situações comunicativas concretas. As estratégias de tradução presentes na gramática analisadas no próximo capítulo, por exemplo, podem ser consideradas soluções que Rodrigues apresenta a problemas típicos da missionação. Assim, a *Arte da Lingoa de Iapam* é, em princípio, mais um manual prático do que um estudo puramente científico da língua japonesa.

A gramática foi encomendada a Rodrigues pelos seus superiores da Companhia no Japão e impressa por meio da prensa de tipos móveis trazida por Valignano em 1590. O grande volume de material publicado e distribuído gratuitamente entre os cristãos japoneses a partir de então consumiu sobremaneira os recursos da missão no Japão. Como forma de contenção de despesas, o ritmo de publicações foi diminuído significativamente; essa pode ter sido a razão por que a gramática começou a ser impressa em 1604 e

terminada apenas em 1608 (MORAN, 1993: 154). Abaixo, o frontispício da gramática (Figura 1).



Figura 1 - Frontispício da gramática *Arte da Lingoa de Iapam*

De acordo com Zwartjes (2011: 98), Rodrigues se inspirou tanto em fontes européias quanto japonesas para compor sua gramática. A respeito das fontes européias, no prefácio à *Arte da Lingoa*, Rodrigues considera que utilizou anotações de padres que o precederam (1604-8: 5-6); de fato, é possível que Rodrigues tenha tido acesso aos estudos pioneiros dos jesuítas Duarte da Silva, João Fernandes e Luís Frois sobre a língua

japonesa. Além disso, Zwartjes (2011: 99) mostra, através de uma análise contrastiva, como a edição japonesa da gramática da língua latina de Manuel Álvares, publicada em 1594, serviu de inspiração para Rodrigues. A gramática de Álvares foi de grande importância no ensino de latim aos jesuítas. As fontes japonesas, por sua vez, incluem um dicionário de caracteres chineses e japoneses, além de estudos sobre textos clássicos como o *Manyôshû*, uma coletânea de poemas. Esses estudos não eram gramáticas como eram conhecidas no Ocidente, com descrições morfossintáticas e fonológicas, e sim análises literárias que incorporavam considerações sobre a gramática da língua (ZWARTJES, 2011: 104); é por essa razão que a *Arte da Lingoa de Iapam*, devido ao seu caráter sistemático, é considerada um marco do estudo histórico da língua japonesa (FRELLESRIG, 2010: 302).

Antes de proceder à análise e discussão dos conceitos e estratégias de tradução presentes na gramática, acredito ser útil descrever alguns dos conflitos culturais e das soluções adotadas no início e ao decorrer da missão porque eles provavelmente influenciaram em alguns momentos as decisões de tradução de palavras cristãs feitas por Rodrigues .

2.3 Francisco Xavier, Anjirô e a “Dochiriina Kirishitan”

A evangelização rendeu poucos resultados nos dois anos iniciais; ainda assim, o grupo liderado por Francisco Xavier conseguiu batizar cerca de cem pessoas em Kagoshima e arredores, a maioria parentes e amigos de Anjirô. Após uma visita frustrada à capital Kyoto, onde Xavier esperava conseguir uma audiência com o imperador e, assim, obter anuência e respaldo oficial para proceder com a missionação, Xavier segue para Yamaguchi, no sul da ilha de Honshû. Dessa vez, obtém maior êxito, chegando a batizar quinhentos japoneses (HIGASHIBABA, 2001: 2). De fato, pode-se dizer que era esse o

objetivo maior das missões²: salvar almas para Deus. Isso se daria, obviamente, quando a religião antiga fosse substituída pela nova: o Cristianismo exigia exclusividade, ou seja, apenas através da conversão ao catolicismo e o conseqüente abandono das religiões locais e de práticas consideradas pecaminosas os japoneses poderiam ser salvos (ELLIS, 2003: 163).

Era inevitável que surgisse, cedo ou tarde, conflitos culturais baseados na diferença de ideologias, de teologias e de referenciais morais entre os missionários portugueses e os japoneses. Em cartas enviadas a correligionários seus na Índia e na Europa, Xavier critica fortemente, por exemplo, a classe budista japonesa, relatando como a “sodomia” era amplamente difundida em seu meio. Na verdade, como argumenta Ellis (2003: 162), no Japão do final do século XVI e início do século XVII, a homossexualidade estava mais associada à classe samurai do que à religiosa; a relação homoerótica entre aprendizes e samurais experientes, denominada *shudô* (“caminho dos jovens”), assemelhava-se à que existia na Grécia Antiga, considerada um meio primordial de desenvolver habilidades e valores guerreiros. Xavier acreditava, no entanto, que a homossexualidade era tão difundida (ou, pelo menos, não abertamente condenada) entre os japoneses porque eles não acreditavam em um Criador (ELLIS, 2003: 163). Outro ponto problemático que Xavier destaca em uma de suas cartas é a questão do inferno. Potenciais neófitos não conseguiam conciliar a idéia de que um Deus benevolente permitisse a punição eterna. Além disso, os japoneses acreditavam que, ao realizarem os devidos rituais budistas e rezarem pelas almas dos seus ancestrais, seria possível purificá-las, resgatando-as do inferno. Xavier, no entanto, acreditava, com base na doutrina cristã, que o destino da alma de cada indivíduo é

² Não se deve esquecer que as atividades missionárias da Companhia de Jesus, bem como de outras ordens (como a franciscana e a dominicana), inseriam-se no contexto do colonialismo europeu.

determinado pelas suas escolhas em vida, e que nada pode ser feito por elas após a morte (ELLIS, 2003: 159).

As primeiras traduções de conteúdo cristão para o japonês, principalmente de um catecismo escrito por Xavier, foram feitas por Anjirô, japonês que pertencera à classe samurai. Devido ao seu conhecimento formal da língua japonesa, bem como das doutrinas budistas mais comuns à época, ser limitado, sua tradução foi alvo de críticas. Anjirô decidiu adaptar os nomes das divindades e dos termos cristãos à realidade japonesa; nesse sentido, Deus por exemplo, tornou-se *Dainichi*, que significa literalmente "Grande Sol", figura central da escola budista esotérica *Shingon*. As escolhas tradutórias de Anjirô causaram confusão em ambas as partes: por um lado, bonzos e leigos japoneses pensaram tratar-se de uma nova seita budista concorrente; por outro, os jesuítas questionaram se, de alguma forma, o cristianismo não havia, de algum modo, chegado ao Japão por outra via. De qualquer forma, esse modo de traduzir as divindades e os termos cristãos foi considerada inadequada; em 1555, o padre Balthazar Gago (1515-1583) chegou a listar 51 traduções problemáticas na tradução de Anjirô (HIGASHIBABA, 2001: 8). Alguns anos depois, a diretriz oficial dos superiores da Ordem tornou-se manter os termos como no original em português como forma de diferenciar o cristianismo das religiões japonesas; essa é uma estratégia tradutória com um propósito bem específico.

Era, assim, importante não haver dúvidas quanto ao Deus novo (e, conseqüentemente, à religião nova) que os missionários traziam. Isso é claro no catecismo escrito pelo jesuíta português Marcos Jorge e publicado em japonês em 1591 com o título de *Dochiriina Kirishitan*. Nele, os termos do cristianismo são decalcados (ou “repetidos”, seguindo a terminologia de Aixelá (1997)), não adaptados, como foi feito anteriormente. Segundo Higashibaba (2001: 54), há aspectos da *Dochiriina Kirishitan* que o tornam útil para investigar como os ensinamentos cristãos deveriam ser transmitidos aos japoneses;

desses, dois nos interessam: o primeiro aspecto é que esse texto foi pensado como um catecismo para edificação popular; em segundo lugar, como seria distribuído por todo o Japão, serviria para padronizar a doutrinação. Além disso, Higashibaba (2001: 55) reitera que a abordagem editorial desse catecismo era fazer frente às religiões não-cristãs japonesas. Nesse sentido, uma das características da *Dochiriina Kirishitan* era manter os termos originais cristãos, e não buscar acomodá-los de qualquer forma. Alguns exemplos de termos decalcados são: *Jesus Christo, Cruz, Deus, misterio, persona, Trindade, memoria, entendimento, vontade, Padre, Filio, Spiritsu Santo* (HIGASHIBABA, 2001: 60-61).

No capítulo seguinte, serão analisadas e discutidas as reflexões de João Rodrigues com base nesta breve contextualização das atividades da Companhia de Jesus, em geral, e de João Rodrigues, em específico durante a missionação no Japão. Na teoria elocutiva da tradução, que era, de acordo com Furlan (2006), o modo como a tradução era pensada no Renascimento; nas idéias de Burke (2009) e Eco (2003) sobre tradução cultural; e de Aixelá (1997) e Assmann (1996) sobre tradução de itens culturais e de deuses, respectivamente, discutidas na Introdução.

Capítulo Três

Conceitos de tradução e cultura: Entre a Assimilação e a *Ars Tradutória*

A gramática *Arte da Lingoa de Iapam* é composta de três partes. A primeira parte traz a descrição geral da língua: apresenta declinações de substantivos e pronomes, bem como conjugações verbais. A segunda parte aborda assuntos como retórica, sintaxe, fonologia, diferentes dialetos japoneses, bem como um tratado sobre poesia japonesa e suas influências chinesas. A terceira e última parte aborda a leitura dos *kanji* (o sistema de escrita logográfico adotado pelos japoneses), além de trazer instruções de como escrever cartas e contar em japonês. Os conceitos e estratégias aqui analisados encontram-se na segunda parte. Chegou-se a esses conceitos após leitura do corpus original e delimitação dos aspectos a serem analisados a partir do seguinte critério: eles deveriam dizer respeito expressamente a como traduzir.

Apesar da gramática, em vários momentos, apresentar diretrizes sobre como utilizar a língua japonesa de maneira considerada “apropriada”, preferência foi dada às diretrizes que lidassem concretamente com o contato entre línguas e, conseqüentemente, entre culturas. Foram dois os conceitos a que se chegou, como será visto a seguir.

3.1. Tradução de termos cristãos: estratégia de assimilação

A primeira das duas estratégias diz respeito a como introduzir na língua japonesa “vocábulos de que carecem”, como termos específicos do Cristianismo ou que Rodrigues

considerasse associados de alguma forma à tradição judaico-cristã ocidental e que inexistissem no Japão. A esse respeito, Rodrigues escreve³:

DO MODO DE INTRODUIR ALGUNS
vocalos nossos na lingua Iapoa de que carecem
& de como se devem pronunciar

Porque na lingua de Iapam faltam algũas palavras para explicar muytas cousas nouas que o Sagrado Evangelho traz consigo, he necessario ou enunciar de nouo, o que em Iapam he difficil, ou tomalas da nossa lingua corrempendeas conforme melhor cayr, na pronunciaçam de Iapam ficando como naturais. E porque a lingua portuguesa, combina muyto com a Iapoa, em muytas syllabas & na pronunciaçam, comumente dela se pode somar os taes nomes, posto que tambem alguns se tomaram da latina. Estas nomerousam que pertencem a Deus, aos santos, ou às virtudes & a algũas outras cousas de que carecem. Pero o qual se deue notar que toda a palavra Iapoa acaba em vogal, ou nas consoantes, N, T. Itencarecen do uso das liquidas, L, R, & de outras letras intermedias como ipse, tadus, opto, &c. Item das syllabas, Di, Du, Ti, Tu, como em outra parte se disse: & conforme a isto se deuen acomodar os tais nomes, assi os que se põem aos Christans, como outros. (RODRIGUES, 1604-8: 357 e 358)

Rodrigues considera, assim, duas formas de introduzir os vocábulos ao japonês: a primeira seria “enunciar de novo”, ou seja, presumivelmente adaptar esses conceitos de modo a torná-los familiares aos japoneses, ou mesmo utilizar termos já existentes em japonês. Essa idéia não é desenvolvida em detalhe por Rodrigues; ele simplesmente acrescenta que considera que fazer isso “é difícil no Japão”. A segunda forma seria tomar esses termos do português, adaptando-os à fonética do japonês, “ficando como naturais”. Essa é a forma preferida pelo missionário; ele considera que as línguas portuguesa e japonesa (do início do século XVI) combinam muito “nas syllabas e na pronunciaçam”, ou seja, possuíam fonologias similares. Além disso, como empréstimos semelhantes já haviam

³ Os trechos citados da gramática *Arte da Lingoa de Iapam* foram transcritos a partir da versão digitalizada. A grafia original foi mantida tanto quanto possível. Quando foram encontradas partes ininteligíveis, essas foram assinaladas.

sido feitos a partir do latim, essa estratégia já era conhecida. Rodrigues também descreve algumas características da língua japonesa que precisariam ser consideradas ao acomodar foneticamente os termos do português. Segundo ele, as palavras japonesas terminavam em vogal ou nas consoantes N e T; ademais, em japonês não havia os sons líquidos L e R nem sons “intermediários”, ou seja, encontros consonantais fonéticos, como em “ipse”, “tastus” e “opto”. Por fim, as sílabas “Di”, “Du”, “Ti” e “Tu” também inexisteriam em japonês. Essa preocupação com o aspecto sonoro no processo tradutório é contribuição da concepção renascentista de tradução, conforme afirma Furlan:

Mediante o conhecimento das línguas e da matéria, associado ao bom ouvido, o tradutor se encontra em condições de captar a arte do original inclusive em seus matizes rítmicos e harmônicos para devolvê-los na tradução. Esse quarto requisito, possuir ouvido, é uma das principais contribuições da nova concepção renascentista de tradução porque se une estreitamente à questão da elocutio. (2006: 28)

As missões foram um caso interessante para a discussão da ideia de tradução como negociação. Segundo Burke (2009: 16), os missionários precisavam decidir o quão longe poderiam ir ao adaptar a mensagem cristã às culturas locais. Ele cita o caso de Matteo Ricci, jesuíta italiano em missão à China que decidiu “acomodar” o cristianismo de diversas formas. “Deus”, por exemplo, foi traduzido pelo neologismo *Tianzhu*, literalmente “Senhor dos Céus”. Sua estratégia recebeu críticas de Roma e de outros jesuítas, que acusaram Ricci de ter “se convertido à religião dos chineses em vez de os converterem ao cristianismo” (Ibid.). A tradução acomodatória foi, pelo contrário, preterida por Rodrigues, pelo menos quanto à tradução de termos cristãos. Essa diretriz precedia Rodrigues e a gramática no Japão em cerca de cinquenta anos. A estratégia onomasiológica descrita por Assmann (1996: 25) foi utilizada por Anjirô nos anos iniciais da missionação, quando ele buscou equivalências entre elementos do cristianismo e do budismo (por exemplo, através

da tradução de Deus por *Dainichi*). Isso facilitou o contato inicial com os japoneses, inclusive com a própria elite budista. No entanto, a confusão causada posteriormente assinalou a necessidade de diferenciar as religiões através da semasiologia. O cristianismo deveria ser religião exclusiva dos japoneses. Essa não é, portanto, uma estratégia baseada simplesmente na convicção pessoal de Rodrigues; em vez disso, ele parece organizar por escrito essa prática de cunho assimilativo na gramática com um propósito pedagógico, com respaldo dos superiores da Companhia de Jesus no Japão.

Em seguida, Rodrigues apresenta uma lista dos vocábulos aos quais faz referência, além de considerações adicionais sobre a fonologia do japonês:

OS QUE PERTENCEM A DEUS.

Deus, Trindade, Padre, Filho, Espirito Sancto, Iesus, Iesu Christo, Diuindade, Humanidade, Persona, I, Pessoa, &c.

AaS CREATURAS.

Natura,l, Natureza, Anjo, Arcanjo, Espirito, Espiritioal, Corporal, Lucifer, Anima, Vegetatiua, Sensitiua, Racional, Entendimento, Memoria, Vontade, Consciencia, Imaginaçan, Escritura, Inferno, Paraíso, Paraíso terreal, Purgatorio, Limbo, Iuizo, Diluuio, Empirio.

NOMES DAS VIRTUDES ACABADOS

em, An, dade, &c.

- Tentaçan, Confissan, Contriçan, Satisfaçan, Iustificaçan, Purificaçan, Inspiraçan, Deuaçan, Peifeiçan, Obrigaçan.
- Caridade, Castidade, Humildade, Humanidade, Diuindade, Virgindade.
- Prudencia, Consciencia, Sapiencia, Potencia, Iustiça, Indulgencia, Eucharistia, Misericordia, Profecia.
- Temperança, Esperança, Perseverança, Benaudenturança, Graça. Porque Gracia corre por nome de mulheres.
- Sacramento, Mandamento, Testamento, Bautismo, Penitencia, &c.

- Imagen, Contas, Contabenta, Iejum, Disciplina, Virgen, Orden, Cruz, Oratio, I, Oraçan, Virtus, I, Virtude, Beato, Iusto, Santo, Agnus Dei, Fides, Missa, Matrimonio, Martyr, Passion, Natal, Nascimento, Pascoa, Quaresma, Ecclesia, Somanasanta.

Mortal.

Venial. > Toga

Original.

Notase, que posto que os Iapoens pronunciam toda a sua lingoa com syllabas simples de hũa consoante, & hũa vogal, v. g. Padre, dizem, Patere, Trindade, dizem, Chirindade, Natal, Nataru, Ecclesia, Yequerejia, &c. Todauia, quando escreuermos em nossa letra os [ininteligível] nomes he bom escreuelos a nosso modo, & nam ao seu (RODRIGUES, 1604-8: 357).

Como é possível verificar acima, os vocábulos a serem traduzidos dizem respeito não apenas a Deus, mas a várias divindades, elementos sagrados e virtudes cristãs. A *Dochiriina Kirishitan*, publicada em 1591, já incluía os termos contidos na lista acima (por exemplo, *Jesus Christo*, *Cruz*, *Deus*, *misterio*, *persona*, *Trindade*, *memoria*, *entendimento*, *vontade*, *Padre*) preservando inclusive a grafia. De fato, Rodrigues recomenda que, ao escrevê-los em japonês romanizado, ou seja, utilizando o alfabeto latino, até mesmo a ortografia não deveria passar por adaptações. De acordo com Hsia (2009: 58), que também analisa a tradução de material cristão no contexto das missões jesuítas na China, "ao traduzir textos religiosos, preservar a aura de autenticidade sacrificando a inteligibilidade não era necessariamente uma falha". Como vimos, essa autenticidade era importante para marcar a diferença entre a nova religião sendo pregada, o cristianismo, e as religiões autóctones, mesmo que os termos soassem “opacos” ideológica e culturalmente para os japoneses, na terminologia de Aixelá (1997:57).

As descrições fonológicas, por sua vez, revelam a preocupação de Rodrigues em tornar a tradução dos termos a mais clara e natural possível aos japoneses, pelo menos no que diz respeito ao seu som. Essa preocupação também aparece quanto ao uso da língua

japonesa como um todo: é preciso evitar o “barbarismo” e os erros ao se falar em e ao se traduzir para o japonês, como será visto a seguir.

3.2 “Como evitar o Barbarismo”: a tradução do sentido e a *ars* tradutória

A segunda estratégia discutida por Rodrigues se refere a como evitar o que ele chama de “barbarismo”. A esse respeito, ele diz o seguinte:

BARBARISMO

Barbarismo na lingoa de Iapam se pode chamar, quando se usa do Tenifa onde se namdeue como usar da partícula. No, onde nam se usa & outras se methontes. Hem usar de vocabulos, & de alguns modos de falar proprios de alguns reynos, & da pronunciaçambarbaradelles como a baixo se dirá em particular. **Hem usar da lingoa de Iapam aportuguesadamente usando della com nossos modos & frases ou declarandoa palavra por palavra, & nam ao sentido**, como tambem logo se apontara em hum capitulo particular (RODRIGUES, 1604-8: 337) [grifo meu].

Assim, podemos ver que Rodrigues considera traduzir para o japonês palavra por palavra, e não fazendo jus ao sentido, um fator que contribui para o que ele chama de "barbarismo". O barbarismo seria a falta de clareza no uso da língua, ao que se pode incorrer também ao utilizar palavras ou realizações fonéticas de outros dialetos que não o que ele considera padrão. Algumas páginas depois, o gramático volta a mencionar os fatores causadores do barbarismo, acrescentando mais considerações sobre tradução:

DE ALGUNS MODOS IMPROPRIOS DE falar com que se faz barbara a lingoa, & obscura.

Todos estes modos improprios no falar se podem pollamor parte reduzir a tres cabeças. Primeiramente no modo de explicar a nossa lingoa na Iapoa & a Iapoa na nossa, & o uso dalgũas palauras. Segundo, nas honras & cortesias, & uso das partículas de honra & dos

verbos honrados, & humildes, & verbos simples. Terceiro nos accentos, & modo de pronunciar.

ERROS NO MODO DE EXPLICAR a nossa lingoa na Iapoa.

No explicar & traduzir a nossa lingoa na Iapoa, pera geardarem a tres [ininteligível], nam se deue traduzir frase por frase, palavra por palavra, nem usar na lingoa de Iapam de nossas metáforas, por que isto faz a oraçam barbara, & obscura, & o tal modo de explicar He muyto errado, pois cada naçam tẽ varias metáforas, & modos com que explica os conceitos: pello que no traduzir hũa lingoa em outra pera que fique clara, & elegante, soamente se ha de ter [ininteligível] com o sentido, explicandoo por frases Iapoas. Assi como quando em nossa lingoa dizemos: IESV Christo Nosso Senhor pello grande amor que teue aos homens, quis morrer na cruz: se hum quiser geardar as palavras como soam diraassi: [Trecho em japonês]. Porque doutra maneira nam significa que morreo mas sôo que teue vontade de morrer.(RODRIGUES, 1604-8: 341-342)

Acreditamos ser importante avaliar, nesse ponto, as suas escolhas lexicais. Rodrigues discute, em primeiro lugar, como novamente evitar os modos “impróprios” de se utilizar a língua japonesa. Em seguida, ao avaliar a tradução para o japonês, ele diz que “não se deve” traduzir palavra por palavra, método que considera “muito errado”. Percebe-se que, nesse momento, Rodrigues se posiciona em relação ao que considera a *melhor* forma de traduzir. Seu amplo conhecimento das línguas portuguesa e japonesa, além da sua vasta experiência como intérprete, confere respaldo às suas recomendações. De fato, esse foi provavelmente o principal motivo pelo qual a própria confecção da gramática lhe fora incumbida pelos seus superiores da Companhia de Jesus. Desse modo, segundo ele afirma, as particularidades de cada língua deveriam ser consideradas na tradução, e preferência deveria ser dada às metáforas e modos de falar próprios da língua de chegada, o que tornaria a tradução clara e elegante. Nesse momento, após definidos os termos centrais do cristianismo a serem decalcados (ou repetidos) em japonês, a inteligibilidade deveria ser alcançada a todo custo.

Essa ênfase no sentido do texto em lugar da sua forma pode, no entanto, estar calcada não apenas na convicção de Rodrigues (oriunda da sua experiência), nem mesmo nas diretrizes da missionação como um todo, embora a servissem bem. Ela parece, além disso, encaixar-se na concepção de *ars* tradutória própria do Renascimento. Segundo Furlan (2006: 17), no Renascimento, “todo aquele que aspirava a adquirir competência profissional no uso da língua devia dedicar-se muito tempo ao estudo e exercício sistematizado nas duas *artes* da língua, a gramática e a retórica”. Rodrigues foi educado formalmente em um colégio da Companhia de Jesus no Japão (onde estudou latim), que provavelmente incorporava a educação comum aos outros colégios da ordem na Europa, que enfatizava o estudo dos clássicos gregos e latinos, com ênfase na *eloquência* (O’MALLEY, 2000: 67). De fato, a teoria elocutiva da tradução baseia-se na retórica clássica para reiterar que

o respeito às propriedades linguísticas está intimamente ligado à necessidade de conjugar, na tradução, o conteúdo com a estética textual, salvaguardando o melhor possível os valores do original: evitando a transposição das formas linguísticas, mas mantendo a função semântica, recriando o estilo, cuidando do ritmo (FURLAN, 2006: 29).

Dessa forma, ao afirmar que não se deve utilizar as metáforas da língua portuguesa na língua japonesa, Rodrigues procura evitar a “transposição das formas linguísticas”; a função semântica deveria ser mantida, mas o estilo deveria ser recriado. O exemplo dado por Rodrigues é bastante ilustrativo: se um tradutor decidisse traduzir literalmente certa passagem da Bíblia a respeito de como Cristo tanto amou a humanidade que *quis* se sacrificar por nós, a menos que o estilo fosse adaptado, os japoneses poderiam pensar que Jesus apenas quis morrer, não que, de fato, morrera.

As fontes das ideias sobre tradução produzidas no Renascimento e a partir das quais Furlan organiza a teoria elocutiva da tradução estão dispersas em “prólogos, prefácios, introduções, leis, ensaios, comentários, críticas, dedicatórias e cartas a traduções” (2006: 26). A peculiaridade das reflexões de Rodrigues se deve, portanto, ao fato de que elas se encontram em uma gramática da língua japonesa escrita e publicada no Japão no próprio contexto da missionação, durante um período no qual traduções eram feitas cotidianamente. Essas reflexões tinham por base possivelmente a teoria elocutiva da tradução, bem como as convicções pessoais de Rodrigues e as diretrizes da Companhia de Jesus no Japão e, a um só tempo, guiavam a prática tradutória da época quanto eram por ela amparadas.

Considerações Finais

O propósito desta monografia foi investigar a inclusão de conceitos de tradução e cultura pelo missionário português João Rodrigues (c.1561-1633) na sua gramática da língua japonesa *Arte da Lingoa de Iapam*, publicada no Japão entre 1604 e 1608. Rodrigues (1608) comenta, em duas passagens da gramática, sobre os desafios da tradução para o japonês, propondo soluções.

A primeira estratégia revela um viés assimilativo, pois procura diferenciar o cristianismo das demais religiões presentes no Japão para fins de conversão (“assimilação”), mesmo correndo o risco de sacrificar a inteligibilidade das traduções. Num segundo momento, Rodrigues aconselha como se deve traduzir: “não se deve traduzir palavra por palavra, frase por frase, nem usar na língua japonesa as nossas metáforas, pois isso torna a oração bárbara e obscura (...)”. Essa estratégia está de acordo não apenas com os propósitos da missionação, mas também com o conceito geral de tradução renascentista, a *ars* tradutória, que concedia ênfase na tradução do sentido do texto de partida, não da sua forma.

A escassez de material impresso durante o século cristão no Japão, bem como a dificuldade de se acessar os originais existentes, complica sobremaneira a tarefa de verificar textualmente como os conceitos e estratégias de João Rodrigues foram aplicados na prática, ou mesmo se refletiam a própria prática tradutória da época. Essa foi, acredito, a maior limitação deste trabalho. O estudo desses materiais seria bastante enriquecedor, pois ajudaria a melhor contextualizar as reflexões sobre conceitos de tradução e cultura presentes na *Arte da Lingoa de Iapam*.

Referências Bibliográficas

- AIXELÁ, J. F. **Culture-specific Items in Translation**. In: *Translation, Power, Subversion*. ÁLVAREZ, R. & VIDAL, C-A. Clevedon: Multilingual Matters, 1996. pp. 52-78
- ALDEN, Dauril. **Some considerations concerning Jesuit enterprises in Asia**. In: *A Companhia de Jesus e a missão no Oriente*. Lisboa: Brotéria/Fundação Oriente, 2000. pp. 52-62
- ASSMANN, J. **Translating Gods: Religion as a factor of (Un) Translatability**. In: *The Translatability of Cultures: Figurations of the Space Between*. BUDICK, S. & ISER, W. (eds.). Stanford: Stanford University Press, 1996.
- BERMAN, Antoine. **L'épreuve de l'étranger: culture et traduction dans l'Allemagne romantique**. Paris: 1984.
- BURKE, Peter & HSIA, R. Po-chia (Orgs.). **A tradução cultural**. Tradução de: Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- BURKE, Peter. **Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna**. In: BURKE, Peter & HSIA, R. Po-chia (Orgs.). *A tradução cultural*. Tradução de: Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2009. pp. 13-46
- COOPER, Michael. **Rodrigues the Interpreter: an Early Jesuit in Japan**. Weatherhill, 1974.
- ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- ELLIS, Richard R. **"The Best Thus Far Discovered": The Japanese in the Letters of Francisco Xavier**. In: *Hispanic View*, vol. 71, n. 2, 2003, pp. 155-169.
- FRELLESRIG, Bjarke. **A History of the Japanese Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- FROTA, Maria Paula. **Um balanço dos estudos da tradução no Brasil**. In: *Cadernos de Tradução*, n. 19, 2007. pp. 135-169. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/download/6996/6481>>. Último acesso em 20/05/2011.
- FURLAN, Mauri (Org.). **Clássicos da teoria da tradução, vol. 4 – Renascimento**. Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006.
- HIGASHIBABA, Ikuo. **Christianity in Early Modern Japan: Kirishitan Belief and Practice**. Leiden: Brill, 2001.

HSIA, R. Po-chia. **A missão católica e as traduções na China, 1583-1700.** In: BURKE, Peter & HSIA, R. Po-chia (Orgs.). *A tradução cultural*. Tradução de: Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2009. pp. 47-60.

LOPES, António. **História da Província Portuguesa da Companhia de Jesus.** In: *A Companhia de Jesus e a missão no Oriente*. Lisboa: Brotéria/Fundação Oriente, 2000. pp. 35-52

LÓPEZ-GAY, Jesús. **Métodos misioneros em el Japón Del siglo XVI.** In: *A Companhia de Jesus e a missão no Oriente*. Lisboa: Brotéria/Fundação Oriente, 2000. pp. 103-116

MORAN, Joseph F. **The Japanese and the Jesuits:** Valignano in sixteenth-century Japan. Londres: Routledge, 1993.

_____, The Well of Japanese Undefined. Joao Rodrigues' Advice on How to Study Japanese. In: **Monumenta Nipponica**, Vol. 30, No. 3, 1975, pp. 277-289.

O'MALLEY, John W. **How the First Jesuits Became Involved in Education.** In: DUMINUCO, Vincent J. *The Jesuit Ratio Studiorum: 400th Anniversary Perspectives*. New York: Fordham University Press, 2000. pp.56-74.

PYM, Anthony. **Negotiating the Frontier: Translators and Intercultures in Spanish History.** Manchester: 2000.

REISCHAUER, Edwin O. **Japan: The Story of a Nation.** Tokyo: Charles E. Tuttle, 1979.

RODRIGUES, João. **Arte da Lingoa de Iapam.** Com licença do Ordinário, e Superiores em Nangasaqui, no Collegio de Iapão da Companhia de Iesu. 1604-8. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=GB8YAAAAYAAJ&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Data do último acesso: 29 de agosto de 2013.

TASHIRO, Eliza A. **As variedades do japonês nas Artes do Pe. João Rodrigues Tçuzu.** In: *Boletim 7*. São Paulo: CEDOCH - DL/USP, 2004. pp. 199-224. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/cedoch/downloads/boletim7_199-224.pdf> Data do último acesso: 7 de agosto de 2006.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility.** Londres: 1995.

ZWARTJES, Otto. **Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil: 1550-1800.** Amsterdã: John Benjamins, 2011.

Anexo A

TERMO DE COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE

A presente declaração é termo integrante de todo trabalho de conclusão de curso (TCC) a ser submetido à avaliação da Coordenação do Curso de Tradução da UFPB como requisito necessário e obrigatório à obtenção do grau de bacharel em tradução.

Eu, [nome do aluno em maiúsculas], [número da identidade], na qualidade de aluno(a) da Graduação do Curso de Tradução da Universidade Federal da Paraíba, declaro, para os devidos fins, que:

- O Trabalho de Conclusão de Curso anexo, requisito necessário à obtenção do grau de bacharel em tradução pela Universidade Federal da Paraíba, encontra-se plenamente em conformidade com os critérios técnicos, acadêmicos e científicos de originalidade;
- O referido TCC foi elaborado com minhas próprias palavras, ideias, opiniões e juízos de valor, não consistindo, portanto **PLÁGIO**, por não reproduzir, como se meus fossem, pensamentos, ideias e palavras de outra pessoa;
- As citações diretas de trabalhos de outras pessoas, publicados ou não, apresentadas em meu TCC, estão sempre claramente identificadas entre aspas e com a completa referência bibliográfica de sua fonte, de acordo com as normas vigentes da ABNT;
- Todas as séries de pequenas citações de diversas fontes diferentes foram identificadas como tais, bem como as longas citações de uma única fonte foram incorporadas suas respectivas referências bibliográficas, pois fui devidamente informado(a) e orientado(a) a respeito do fato de que, caso contrário, as mesmas constituiriam plágio;
- Todos os resumos e/ou sumários de ideias e julgamentos de outras pessoas estão acompanhados da indicação de suas fontes em seu texto e as mesmas constam das referências bibliográficas do TCC, pois fui devidamente informado(a) e orientado(a) a respeito do fato de que a inobservância destas regras poderia acarretar alegação de fraude.

O (a) Professor (a) responsável pela orientação de meu trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentou-me a presente declaração, requerendo o meu compromisso de não praticar quaisquer atos que pudessem ser entendidos como plágio na elaboração de meu TCC, razão pela qual declaro ter lido e entendido todo o seu conteúdo e submeto o documento em anexo para apreciação da Coordenação do Curso de Tradução da UFPB como fruto de meu exclusivo trabalho.

João Pessoa, ____/____/____.

Arthur Renato Moura Bezerra Melo